

OS ENTRAVES DA LEITURA, SUA SUPERFICIALIDADE E AS CONSEQUÊNCIAS NO ENSINO DA ENGENHARIA

Alexandre Magno Bernardo Fontoura – alexandre.fontoura@ufsc.br
Curso de Graduação em Engenharia Mecânica – UFSC
88.040-900
Florianópolis – SC

Henrique Santos Ferreira – henrique.snt.fer@gmail.com
Curso de Graduação em Engenharia Mecânica – UFSC
88.040-900
Florianópolis – SC

Resumo: *O presente artigo tem como objetivo discutir sobre a dificuldade de compreender textos técnicos por parte dos engenheiros e sua possível origem. As causas desta falha são históricas e também culturais. No artigo serão abordados tópicos como: o histórico da leitura, os motivos de seus entraves, como é o hábito de leitura dentro da engenharia, sua importância e as consequências da ausência da leitura para os profissionais deste ramo. A ideia central dentro dos cursos voltados ao desenvolvimento tecnológico é de negligenciar outras áreas do conhecimento. Entretanto, é evidente que o conhecimento de gêneros textuais, de comunicação, de escrita e de filosofia seja uma necessidade no cotidiano de qualquer profissão. Nos tempos modernos há uma demanda crescente de indivíduos com senso crítico e poder argumentativo, e estes só serão desenvolvidos se forem dadas as devidas importâncias às diversas áreas do saber. É antiga a ideia de que restringir o conhecimento a um ferramental específico é ruim. Heráclito de Éfeso já criticava discursos generalistas de filósofos que detinham apenas conhecimentos específicos, e elogiava os chamados polímatas, indivíduos que detinham um conhecimento plural. A linguagem, independente da área em que se vai atuar, serve não só como ferramenta de comunicação, mas também como limitadora do mundo, como mostra o filme “O enigma de Kaspar Hauser”. Ludwig Wittgenstein, Zygmunt Bauman, Jean Paul Sartre, Umberto Eco e outros pensadores modernos definem a linguagem como uma introspecção do indivíduo que depende não só de seu contexto econômico mas também cultural, pessoal e social.*

Palavras-chave: *Leitura, Compreensão de textos, Senso crítico, Formação reflexiva .*

1. INTRODUÇÃO

Ao chegar na universidade, o adolescente manifesta preferência, primeiramente, pela área com a qual ele possui mais afinidade. Ao optar pela profissão de engenheiro, o estudante inicialmente elenca diversos motivos para justificar a sua escolha, mas é pouco provável que esta seja pautada pelo hábito ou prazer de ler e escrever. Muitas vezes, quem descreve a área de engenharia faz menção imediatamente à área das cálculos e suas vertentes, mesmo que questões de leitura e escrita estejam muito presentes no cotidiano do engenheiro. Por esse

motivo, é preciso refletir acerca do cerne da questão, da trajetória da leitura dentro do sociedade e como ela se consolidou. Assim sendo, é preciso também analisar de que forma o hábito de negligenciar o que não é contemplado na área da engenharia propriamente dita impacta a profissão do engenheiro. A leitura de textos, a priori, parece simples. Apesar disso, a posteriori, surgem diversos tipos de leituras diferentes: romances, revistas, jornais, contos, livros técnicos de engenharia, entre outros. Há também diversas metodologias que servem de guia sobre como a leitura deve ser pensada. Compreendidas essas diferenças ressalta-se um método simples apresentado por (BAZZO & PEREIRA, 1993) sobre como deve ser entendida e praticada a leitura,

A seleção daquilo que vamos ler é o primeiro aspecto a ser considerado, porque, logicamente, não podemos ler tudo o que é publicado sobre determinado assunto. Para termos uma idéia da impossibilidade disso, calcula-se que anualmente a literatura científica e técnica mundial produza mais de 60 milhões de páginas. [...]. Assim, a recomendação de serem lidos os títulos sugeridos por professores ou especialistas é uma boa medida. Estando selecionado o que ler, devemos passar à leitura propriamente dita, ação que encerra os maiores problemas da fase de captação. Devemos, por exemplo, saber diferenciar os procedimentos da leitura de um romance, da leitura de um livro texto de um curso de eletromagnetismo. A velocidade de uma leitura informativa, e principalmente de distração, normalmente é mais rápida enquanto a de uma leitura formativa exige reflexão, anotações, cálculos auxiliares e retornos constantes a trechos já lidos, sendo, portanto, mais lenta.[...] É pertinente lembrar que cada um deve procurar a sua própria velocidade de leitura, para cada tipo de texto, lembrando sempre que o principal é a compreensão. De forma geral, devemos procurar aumentar a velocidade, porque ganhamos tempo e aumentamos a compreensão e a retenção de conteúdos. Unia boa velocidade de leitura representa comumente algo em torno de 200 a 300 palavras por minuto. Para textos técnicos ou que exijam reflexões mais acuradas, este ritmo deverá baixar sensivelmente. (BAZZO, & PEREIRA, 2006).

Portanto, os maiores entraves de leitura ocorrem quando os estudantes de engenharia negligenciam que exista uma fase de captação: tempo necessário para tecer reflexões, tempo de revisão do conteúdo técnico, tempo de discussão entre professor e aluno, entre outros. Em contrapartida, maiores parcelas de estudantes praticam releituras exaustivas e sacrificam a etapa da compreensão do texto devido ao estudo de véspera que para eles é visto de forma vantajosa.

2. HISTÓRICO

Os livros datam de aproximadamente seis mil anos de criação. Na antiguidade o homem se expressava por pinturas rupestres, mas com o desenvolvimento da humanidade, a linguagem pôde alcançar sua natureza oral, possibilitando a comunicação e relacionamento entre os homens. No decorrer da história diferentes métodos de se armazenar informações surgiram entre as várias civilizações que existiram. Os sumérios escreveram em tijolos de barro, os indianos fizeram livros em folhas de palmeira, os maias e astecas confeccionaram livros com material macio encontrado entre a casca da árvore e a madeira, os romanos escreveram em tábuas de madeira, e os egípcios desenvolveram o papiro. O papel como é conhecido e vendido atualmente surgiu apenas no início do século II na China.

Apesar da escrita e da literatura parecerem tão essenciais para a humanidade, elas foram por muito tempo restritas à pequena parcela da população, sendo oferecidas apenas a nobres que eram considerados “seres privilegiados”. Na Grécia, por exemplo, a escrita era permitida apenas aos filósofos e aristocratas, já em Roma ela era uma forma de garantir e reafirmar os direitos dos patrícios à propriedade. Durante a Idade Média a maior parte da população era analfabeta, com exceção dos religiosos pertencentes aos mosteiros e das abadias, onde se localizavam as únicas escolas e bibliotecas da época que garantia a formação do clero e se fazia a restauração dos textos antigos da era greco-romana. Neste período, principalmente na Alta Idade Média, manteve-se o total controle sobre todas as formas de comunicação que pudessem gerar ideias na população que fosse contra sua doutrina. Apenas aqueles que seguiam a vocação religiosa tinham direito de ensino e a escrita passou a ser um símbolo sagrado enquanto a população podia apenas escutar e memorizar os ensinamentos passados pela igreja, sem poder contestá-los e interpretá-los. Esta opressão intelectual foi muito bem retratada no filme “*O nome da rosa*” de Umberto Eco e no livro de mesmo título.

A literatura ficou censurada durante séculos, sendo Portugal um dos pioneiros na censura literária e defesa da fé e dos bons costumes, criando leis que permitiam queimar todos livros considerados “falsos” e “heréticos”. Apenas no século XI a igreja começou a perder aos poucos sua influência, devido ao desenvolvimento da classe burguesa que tinha a escrita como uma ferramenta fundamental para administração. Neste contexto ocorreu um grande desenvolvimento social e econômico, e a instrução da população se fez cada vez maior, levando ao surgimento das primeiras escolas públicas. Somado a isso, após do fim da Idade Média, Johann Gutenberg inventa o processo de impressão com caracteres móveis, permitindo a criação de várias fábricas de livros, os tornados mais acessíveis à população geral.

3. OS ENTRAVES DO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA

No Brasil, desenvolver a leitura sempre foi um grande desafio a ser enfrentado. Segundo Fred Linardi em “*O X da questão*”, o Brasil tem cerca de 26 milhões de leitores, sendo 12 milhões de classe B e C. Ainda, 60% tem mais de 30 anos, e 53% são da Região Sudeste. Ele

ainda ressalta que da população alfabetizada com mais de 14 anos, apenas 30% leu pelo menos um livro nos últimos três meses.

De acordo com Plínio Martins Filho, presidente da editora da USP e professor no curso de Editoração da Escola de Comunicação e Artes (ECA), o baixo consumo de livros pelo brasileiro é devido a falta de hábito, sendo este devido a leitura ter que disputar espaço com outras formas de entretenimento, como o rádio e a televisão, que surgirão junto com as grandes editoras brasileiras, porém tem uma acessibilidade bem maior. Segundo o Jornal do Brasil de 1989 e a revista Visão de 1977,

A missão de estimular o gosto pela leitura nos alunos tornou-se uma árdua batalha para professores de 1º e 2º graus que precisam, cada vez mais, concorrer com o império da televisão, do videocassete e do computador — formas mais cômodas de receber informação — e do culto do corpo — modismo incompatível com uma atividade sedentária e que demanda concentração, como a leitura. (“Jornal do Brasil”,1989)

O que fazem então as crianças e os jovens para se divertir e ocupar seu tempo de lazer? O obviamente repetem as opções de seus pais: vêem televisão — as meninas mais, como suas mães, provavelmente porque estão presas à casa — lêem revistas em quadrinhos, gostam de passear,brincar e ir ao cinema. (Revista “Visão”,1977).

Segundo Daniel Pennac,

Ele [o jovem] é um público implacável e excelente. Ele é, desde o começo, o bom leitor que continuará a ser se os adultos que o circundam alimentarem seu entusiasmo em lugar de pôr à prova sua competência; estimularem seu desejo de aprender, antes de lhe impor o dever de recitar; acompanharem seus esforços, sem se contentarem de pegá-lo na curva; consentirem em perder noites em lugar de ganhar tempo; fizerem vibrar o presente sem brandir a ameaça do futuro; se recusarem em transformar em obrigação aquilo que era prazer, entretanto esse prazer até que ele se transforme em dever, fundindo esse dever na gratuidade de todo aprendizado cultural, fazendo com que encontrem assim, eles próprios, o prazer nessa gratuidade. (PENNAC, 1993. p.55)

Nessa citação o autor menciona que outro fator importante é a falta de estímulos à leitura para crianças e adolescentes. A escola e os familiares não preparam esses leitores, guiando-os a um caminho de desgosto pela leitura e aprendizado. Nos estudos da psicolinguística aparecem diversos autores que estudam o processo de comunicação humana, mediante o uso da linguagem, e sobre as estruturas psicológicas que capacitam o homem a entender expressões, palavras, orações e textos.

Entre estes autores, Vygotsky diz que a criança desenvolve sua linguagem e aprendizagem através de estímulos dentro de uma sociedade. Além de seus conhecimentos prévios, a criança também necessita interagir com outros indivíduos para aprender, deixando concluir que o ambiente onde ela cresce tem fundamental importância na pessoa que ela se tornará e nos hábitos que ela terá. Por isso é tão importante o desenvolvimento do gosto pela leitura na criança, tanto pela escola como pelo seus pais. No filme “*O enigma de Kaspar Hauser*” Kaspar é um personagem que retrata uma criança que não teve contato social, e por isso não desenvolve sua linguagem. Segundo o filósofo Ludwig Wittgenstein,

Da vontade enquanto portadora do que é ético, não se pode falar. E a vontade enquanto fenômeno interessa apenas à psicologia. Se a boa ou a má vontade altera o mundo, só pode alterar os limites do mundo, não os fatos; não o que pode ser expresso pela linguagem (WITTGENSTEIN, 1993, p. 277)

Em outras palavras, a linguagem serve como limitadora do mundo que cerca os indivíduos e por isso, o desenvolvimento de uma linguagem problemática e insuficiente torna o processo de descrição de problemas complicado para o homem e até mesmo impraticável, dificultando ainda mais o processo de aprendizado, e serve de embasamento para as conclusões de Vygotsky. É possível, ainda, analisar os entraves da leitura e do aprendizado do ponto de vista do *Homo Ludens*. De acordo com Huizinga (1999),

O jogo é fato mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições mais rigorosas, pressupõe sempre a sociedade humana; mas, os animais não esperaram que os homens os iniciassem na atividade lúdica.[...] Convidam-se uns aos outros para brincar mediante um certo ritual de atitudes e gestos. Respeitam a regra que os proíbe morderem, ou pelo menos com violência, a orelha do próximo. Fingem ficar zangados e, o que é mais importante, eles, em tudo isto, experimentam evidentemente imenso prazer e divertimento. (HUIZINGA, L. Homo Ludens p. 3 , 1999).

Talvez seja mais facilmente reconhecido que o jogo exista como um fato relacionado com a cultura ou mesmo existente diante dela , já que o jogo pode dar-se independente da existência da cultura visto que a precede. Portanto, é difícil desvencilhar a natureza lúdica inerente dos homens, já arraigada desde a infância. Já que a releitura exaustiva é, muitas vezes, entediante, o homem prefere voltar-se à sua natureza lúdica a praticar a leitura de textos técnicos o que corrobora com o que foi apresentado pela revista Visão e pelo jornal Brasil supracitados.

4. O HÁBITO DE LEITURA DOS ESTUDANTES DE ENGENHARIA

Sendo uma das etapas da compreensão de textos técnicos a troca de informações entre professor e aluno, ainda na sala de aula, a falta de interação entre eles prejudicará o pleno entendimento do conteúdo posteriormente. Além disso, como dito na parte introdutória, existem diversos tipos de leitura, mas de forma geral, ao ler poucos livros menos conhecimento de vocabulários e de prática é adquirido. A forma do estudo de véspera só tem a contribuir negativamente nessa equação. Estudos realizados por (DELAMARO et al, 2006) com estudantes de engenharia mecânica e engenharia de produção da UNESP mostram como o número de livros lidos pelos estudantes de engenharia brasileiros é baixo.

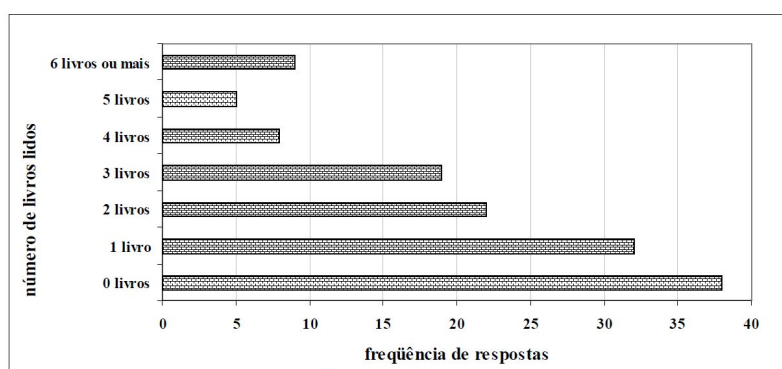


Figura 1 – Distribuição de frequências de livros lidos em 2005.

Essa distribuição de frequências só corrobora com o fato de que é costume dentro de cursos tecnológicos o comportamento de negligência de áreas fora das ciências exatas. Outros estudos feitos por (RIBEIRO et al, 2010), no CEFET-MG, mostram que os estudantes que participaram da pesquisa, em sua maioria, pensam que as disciplinas de português e redação não seriam importantes para serem inseridas no curso. Em contrapartida com esse pensamento, há uma demanda cada vez maior de engenheiros que saibam escrever um artigo científico para uma revista ou congresso, para a escrita da dissertação de mestrado, tese de conclusão de curso, entre outros. Os gêneros textuais apontados como mais relevantes para a atuação profissional do engenheiro são o relatório e o e-mail. O e-mail é um caso bastante citado. Embora tenha sido considerado um “gênero digital emergente” (MARCUSCHI, 2004), não sendo raras as descrições do correio eletrônico como gênero informal, o estudante de engenharia vê nele um dos modos de comunicação mais importantes e necessários, especialmente para assuntos que demandam alto nível de precisão e formalidade.



GRÁFICO 1 Respostas sobre a atribuição de importância à disciplina Português ou Redação para os cursos de engenharia pelos alunos.

5. BENEFÍCIOS DA LEITURA PARA O ESTUDANTE DE ENGENHARIA

Hoje em dia a engenharia é subdividida em várias áreas de atuação, cada uma com certa linguagem bem específica. Não só na engenharia mas em cada esfera de atuação social conta com suas próprias práticas de linguagem e gêneros específicos específicos. Tal fato exige que o engenheiro atual esteja ciente de diferentes discursos orais e escritos. A universidade tem como um dos seus principais papéis inserir o estudante em novas situações onde eles possam entrar em contato com as linguagens características das suas futuras carreiras.

Os alunos devem aprender a usar vocabulários especializados [...]. No entanto, eles também precisam aprender novos gêneros ou formas, aqueles que sejam apropriados à pesquisa em determinado campo, pelo menos em níveis mais avançados da educação superior. (Russel 2009, p. 242)

O estudante de engenharia, por sua vez, ao chegar à universidade, é exposto a diversas literaturas de diferentes áreas de atuação, cada uma com sua linguagem comum, para que mais para frente possa começar a se envolver em práticas onde possa exercitar estes novos vocabulários. Há necessidade de sempre estar buscando um conhecimento além daquele passado na sala de aula, pois com os diversos assuntos abordados, o que é passado pelo professor acaba, por muitas vezes, sendo muito superficial e introdutório, se limitando ao básico. Se o estudante não possuir em si a pré-disposição de ir atrás de livros e artigos em que possa se aprofundar e concretizar o que foi visto em aula, acabará por se tornar no futuro um profissional raso, com conhecimento limitado seja qual for a área que for atuar.

Também é importante salientar que com a globalização e a velocidade das inovações tecnológicas, fica evidente a necessidade que a indústria tem em contratar engenheiros capazes de desenvolver aprendizados ao longo da vida profissional, sem ficar limitado a graduação, mestrado e assim por diante. Isso faz com que o engenheiro sempre tenha que correr atrás de revistas, artigos e outros tipos de leitura para que não acabe por ficar desatualizado na sua área. E apenas com uma experiência em leitura é possível manter um ritmo de aprendizado bom.

Outro ponto importante é que o engenheiro não estará sujeito a lidar apenas com outros engenheiros. A leitura abre as portas para diversos tipos de discursos de diferente tipos de pessoas, e assim ajuda a desenvolver uma melhor maneira de se expressar e transmitir ideias dependendo do seu público. Essa característica também é algo essencial para o engenheiro, pois em sua profissão, uma de suas funções é gerir custos, sejam eles tanto materiais quanto humanos, e por isso é importante que se tenha certo poder de argumentação e de convencimento, sempre sabendo transmitir a mensagem correta e expor de maneira prática e simples os resultados de seu trabalho para a empresa.

Nesta mesma linha, tem-se a necessidade do engenheiro a adequar seu discurso a diferentes interlocutores, pois dentro de sua esfera de atuação ele precisará se comunicar com desde o nível mais baixo de atuação, até o seu chefe. Este tipo de inteligência no discurso é

algo que apenas a leitura pode trazer, pois a cada livro diferente o leitor é exposto à milhares tipos de discursos e situações diferentes e pode assim trabalhar em cima dessa diversidade linguística que precisará ter em seu dia-a-dia como profissional.

Por fim vale ressaltar que hoje em dia, com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação e redes sociais, uma das principais maneiras de se propagar notícias e informações passou a ser baseada em grupos de amigos que, em muitas vezes, compartilham da mesma opinião e pontos de vista. Tal comportamento limita muito o mundo da pessoa, deixando-a carente de um espírito crítico. Quando se lê um livro, o leitor vai estar exposto a diversas opiniões diferentes que o escritor possui em diferentes áreas, sendo que naturalmente o primeiro concordará de umas e discordará de outras. O importante é que esta convivência com outros pontos de vista e outras opiniões, principalmente as que o leitor não concorda, permite que ele expanda seu campo de visão e desenvolva a capacidade de uma leitura em grau crítico. Este ponto é importante não apenas para o engenheiro, mas para todos os cidadãos de uma sociedade, pois com o grande fluxo de informação que se vivencia hoje em dia, é preciso que se tenha a capacidade de julgar e criticar esta informação para que esta pessoa não acabe se tornando a ferramenta do interesse de outros.

6. CONCLUSÕES

A leitura em seu grau mais crítico é pouco praticada por estudantes de engenharia. Pesquisas realizadas em escolas de engenharia de estados diferentes (SP e MG) convergem para o mesmo ponto: a negligência. Por isso, entender que as relações sociais, os contextos sócio-econômicos, as dificuldades da prática de leitura correta, a natureza lúdica, e diversos outros fatores somados tornam a compreensão de textos técnicos dificultada. Diferentes tipos de texto servem de base para vocabulário e conhecimento cultural, e a prática da leitura, mesmo de textos que não são puramente técnicos fornece experiência, maturidade, que o adolescente necessita para um desenvolvimento intelectual contundente. A cultura da televisão, da informação em excesso, da difusão quase instantânea dos fatos cotidianos tornou a modernidade líquida, como diz BAUMAN (2000). Nela, os laços são perdidos e fica cada vez mais difícil uma relação aluno e professor próxima. As consequências para os engenheiros formados são desastrosas, uma vez que estes profissionais pecam pelo lado pessoal e de relacionamento com outros profissionais. Uma cultura cada vez mais integrada com hábitos saudáveis de leitura traria um forte desenvolvimento humano e tornaria a profissão da engenharia menos robotizada e voltada para produção de bens materiais sem uma visão global da modernidade.

7. REFERÊNCIAS

LINARDI, Fred. O X da questão_ Num país castigado pelo analfabetismo, projetos de incentivo à leitura são muito mais do que bem-vindos: são fundamentais. Nova Escola edição especial, São Paulo: Abril, nº. 18, 7-9, 2008.

PENNAC, D. Como um romance. Trad. Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p.55.

RUSSEL, D. Letramento acadêmico: leitura e escrita na universidade: entrevista com David Russel. Conjectura, v. 14, n. 2, mai./ago., 2009.

BRITO, D. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA FORMAÇÃO SOCIAL DO INDIVÍDUO. Graduada em Letras (Faculdade Don Domênico – Guarujá), 2010.

SCHLICHTING, Thais ; HEINIG, Otilia. LEITURA E ESCRITA NA ENGENHARIA: PRÁTICAS NA INTERFACE ACADEMIA E MUNDO DO TRABALHO. 37ª Reunião Nacional da ANPEd, UFSC, Florianópolis, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; Xavier, Antônio Carlos dos Santos. Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BAZZO, W. A.; PEREIRA, L. T. do V. Introdução à Engenharia. 5ª. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.

BOGDAN, R. ; BIKLEN, S. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Editora: 1994.

CASSANY, D. Investigaciones y propuestas sobre literacidad actual: multiliteracidad, internet y criticidad. 2005. Disponível em: <<http://www2.udec.cl/catedraunesco/05CASSANY.pdf>>. Acesso em: 01 de julho de 2017.

DIONÍSIO, M.L. Educação e os estudos atuais sobre letramento. Entrevista. Perspectiva, v. 25, n. 1, jan./jul. 2007. Entrevista concedida a Adriana Fischer e Nilcéa Lemos Pelandré. Disponível em: <http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_numeros_anteriores_2007_01.php>. Acesso em: 01 julho de 2017.

ARAÚJO, Elenise Maria de; SANTOS, Fernando César Almada. Proposta de inclusão da disciplina “Metodologia da pesquisa em engenharia de produção” na graduação da EESCUSP.

XXIX Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia (COBENGE), Porto Alegre, p. 181-188, 2001.

BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

- MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. 14ª edição. São Paulo: Brasiliense 1982.
- MARUCCI, Fábila. As construções discursivas dos sentidos da “loucura” na mídia impressa depois da “Lei da Reforma Psiquiátrica” no Brasil. Dissertação de Mestrado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2003.
- ANSCOMBE, G.E.M. An Introduction to Wittgenstein’s Tractatus. Londres, Hutchinson University Library: 1963.
- GIANNOTTI, José Arthur. A Nova Teoria da Representação, in: Arte e Filosofia. Funarte/Instituto Nacional de Artes Plásticas, Rio de Janeiro: 1983.
- MORENO, Arley R. Wittgenstein – através das imagens. Campinas, Edu-Unicamp:1993.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. Culture and Value. Trad. Peter Winch, Chicago, University of Chicago Press: 1980.
- Huizinga, J. (1999). Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. Perspectiva: São Paulo.
- Touraine, A. (1969). La société post-industrielle. Paris: Denoël.